

**Um “reforço” na aprendizagem:
trabalhando com palavra e imagem**

Márcia Regina de Oliveira Fernandes

Em 2005, fui professora-orientadora do Programa Sucesso Escolar, criado no ano anterior pela SEE/RJ para “melhorar a qualidade do ensino, aumentar a taxa de aprovação, reduzir o índice de abandono e evasão, e restabelecer o fluxo escolar na educação básica”. Uma nova proposta pedagógica seria então implantada através de “Oficinas de Recuperação da Aprendizagem”. Os alunos inscritos (indicados pelos professores regentes) teriam reforço na(s) área(s) de conhecimento, de acordo com a sua necessidade. Na minha escola, foram criadas oficinas de Português e de Matemática. Assim, acrescentei essa experiência à minha carreira no magistério estadual, como professora de Língua Portuguesa.

Apesar dos embaraços previsíveis, naquele período do ano (agosto), em achar um local para a realização das atividades, as oficinas ocorreram no Laboratório de Artes, então escolhido pelo diretor da escola, para descontentamento da professora que o ocupava esporadicamente. É preciso registrar que tais programas e outros tantos, por motivos políticos ou não, têm vida curta. Mas, também é preciso registrar que, dentro das possibilidades existentes, estava motivada para realizar algo “diferente” àqueles alunos, e, da mesma forma, à monitora (aluna do EM), escolhida por mim através de uma breve entrevista.



De início, os participantes, ainda em pequeno número — a presença do aluno não era obrigatória, mas, se alguém faltasse mais de três vezes, seria “cortado” —, se dividiam nos horários disponíveis. Após algumas semanas, a procura aumentou, uma vez que “aquela aula era diferente da que a professora dava na sala” — em geral, queixavam-se de que tinham que copiar muito do escrito no quadro e que tinham que fazer redação para “ganhar ponto”. Assim, cometi uma transgressão ao aceitar mais alunos do que era previsto. Na verdade, este fato não me impediu de fazer o que propunha.

Eram jovens (entre onze e dezessete anos) que “não sabiam fazer uma redação”, motivo pelo qual haviam sido indicados. “Escrever uma redação”, dentro das normas da língua materna, seria um trabalho de longo prazo. Essa cobrança só corrobora a racionalização da linguagem verbal, onde o sentido único, as regras e as definições estão presentes no discurso pedagógico. É na escola, lugar do dizer institucionalizado, que a escrita é a documentação do dizível (BARRETO, 1994). Na prática, a linguagem verbal tem primazia em relação às demais. Ela pode não excluir as outras, entretanto é possível dizer que a tendência é reduzir tudo ao verbal (CASTRO, 2006). Nesse raciocínio, como ponto de partida, as ações pretendiam exercitar os alunos para que “lessem” imagens.

Posso afirmar que nossos encontros eram pelo menos diferentes daquilo que o grupo conhecia. Relacionar palavras e imagens, respeitando os sentidos diversos foi preponderante. Dessa forma, imagens de jornais,

revistas e outros impressos foram lidos. E, também, diante das condições possíveis, os filmes, por eles escolhidos (com algumas restrições), foram estratégias para o processo de articulação de palavra-imagem. Algumas dificuldades de produzir textos escritos foram amenizadas, como atestaram a confecção do jornal-mural e a criação coletiva das histórias em quadrinhos.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, R. G. *Da leitura crítica do ensino para o ensino da leitura crítica*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.
- CASTRO, M. M. C. E. Um vazio a ocupar: a articulação palavra-imagem nas práticas escolares de linguagem.
In: *Revista TEIAS* - Programa de Pós-Graduação em Educação/ProPEd [UERJ]

.

sobre o(a) autor(a):

Mestranda do ProPEd-UERJ e membro do grupo de pesquisa "Educação e Comunicação".